



# Virtualia

Revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana

Julio 2001 • Año 1 • Número 2

**#2** **Julio**  
**2001**

## SUMARIO

Coloquio Jacques Lacan 2001 en Buenos Aires

### **Encuentros con Lacan**

Por **Alejandra Glaze**

### **La disparidad en el amor**

Por **Eric Laurent**

### **El déspota ideal...**

Por **Luis Erneta**

### **La introducción a la antifilosofía**

Por **Jorge Alemán**

### **De la identificación al síntoma y retorno**

Por **Mónica Torres**

### **Usos del diagnóstico y el lugar del síntoma en la diferencia psicoanálisis aplicado-psicoanálisis puro**

Por **Samuel Basz**

### **El padre, lo femenino y el obstáculo en la elaboración freudiana**

Por **Oswaldo Delgado**

### **Kryptonita: tu nombre es mujeres**

Por **Marcela Antelo**

### **El niño y la adopción**

Por **Adela Fryd**

### **Two to tango**

Por **Graciela Musachi**

### **La elaboración del testimonio**

Por **Aníbal Leserre**

### **Un lazo social inédito**

Por **Mauricio Tarrab**

### **Un santo letrado**

Por **Graciela Kait**

## Kryptonita: teu nome é mulher

“Cada um tem a sua própria kryptonita”

(Unbreakable/Corpo fechado) M. Night Shyamalan

*Frailty, thy name is woman!*-

(Hamlet, Ato I Cena II) W. Shakespeare

Começar uma indagação sobre o que é *mais forte que eu*, quando se nos atribui o sexo fraco, parece oferecer uma vantagem considerável. Tomando a sempre disponível lógica fálica, a tentação primeira é afirmar que Tudo é *mais forte que eu*. A morte, a dor, as exigências do sintoma, dizem os franceses que parecem ter gostado do tema;... o amor, o gozo... você, se supõe que qualquer elemento da sopa da linguagem serve para que o sentido flua copiosamente e com ele o tédio de toda enumeração. [Lacan fazia do *ennui* o anagrama do *Unien* uniano].

Escrever pode ser o modo de fazê-lo calar. Lacan quer pegar com a mão a economia do gozo, e é sua falta e seu interesse que o conduzem, *encore*, a construir o real com base três —*seu nó para fazer o gozo berrar*— e uma dita-mansão topológica para o corpo, para podermos colher o mel da experiência. Lacan impõe uma única condição à leitura do seminário XX, “*não se aturdir com uma suposta natureza antifálica...*”. Partimos de uma condição e de uma série de limites. Por exemplo, essa mesa da letra transforma a letra, como tema, num limite. Por outro lado: ninguém se sente aqui que não seja, que não se ache ao menos, fêmea!— mais um limite. Depois está o limite de *Encore* como texto base para esse encontro, nossa bibliografia, e este é um limite especialmente desgarrador porque, dar-se o limite de 8 páginas para escrever sobre *Encore* é apalpar a demonstração da sua inacessibilidade, ele se transforma em um escrito para no ser lido. Lacan é rotundo na sua Ética “... *Um limite é o que não se pode atravessar e a única organização na que participa é a da inacessibilidade do objeto*<sup>1</sup>”.

Se me atrevo a ignorar o limite bibliográfico é porque esse seminário é um parceiro de *Encore*, le partenaire symptome de *Encore*, pois ainda se lamenta de não tê-lo escrito.

Finalmente, nos defrontamos com o limite que Lacan impõe com seu próprio conceito de leitura: “*A condição de uma leitura é evidentemente impôr-se limites*”.<sup>2</sup> Um limite se escreve, é letra, litoral que faz borda e cria um lado de fora. Podemos pensá-lo como fronteira onde se escreve a conjunção/disjunção de campos heterogêneos (S/R por exemplo, à altura do seminário XI), ou cmoo litoral, borda (*Lituraterre*) que acrescenta a dimensão de continuidade ao limite intransponível. Aqui só resta a aproximação do gozo, abertura de superfície cujo limite não se vê. Não se atravessa da mesma maneira uma fronteira que uma borda que separa campos homogêneos. O desejo do analista pode funcionar como suporte da virada do litoral ao literal. De sujeito transgressor à formiga moebiana.

### O mito

Gostaria de partir de um mito da época que Lacan soube chamar de “era do eu<sup>3</sup>”, tempo que participa da obsessão posmoderna pela Coisa, o mito do homem mais forte que todos e seu porém, seu *encore*.

Trata-se de um fragmento, um mineral, que retorna desde outros tempos e outro espaço para pôr em xeque a força do Superhomem, parodia hollywoodiana do herói nietzscheano, criado no mesmo ano em que Freud escrevia *A escisão do eu no processo de defesa*. A qualidade de *super* lhe advém por ser a exceção viva de um planeta irrespirável como consequência do discurso da ciência; o nome lhe é dado por uma mulher. Por graça do desejo dos pais, o menino Kal-El é salvo da destruição de Krypton e junto com ele —fora do cálculo do pai, mas como efeito de estrutura— salva-se também a temida Kryptonita, fragmento sobrevivente. Como memória indestrutível da destruição, esse resto da infância nunca suficientemente perdida, esse *bug* do desejo dos pais, é um objeto capaz de retirar a força do homem mais forte de todos, marca da morte na vida. Positividade que só se inscreve lá onde houve castração, com o matema a/-phi. Como consequência temos o herói dividido em dois, plural que

se realiza em Clark Kent, fóbico jornalista. Freud dizia que “*em comparação com o sonho, o mito e o fantasma são paranóicos; decompõem em lugar de condensar e, por essa razão, amiúde contêm duplos.*”<sup>4</sup>

Como objeto significante, a Kryptonita possui a força da aura inventada por Walter Benjamin<sup>5</sup> ou da metáfora do estranho que Gilles Deleuze chamava de fóssil radioativo<sup>6</sup>. Não se trata de um objeto inerte e mudo, mas revestido de semblante, suposição de ser, substância episódica, fruto da sede de sentido do leitor americano que reconhece nele um Super Roosevelt. O gênero *comics*, a *literatura desenhada* como dizia Oscar Masotta, apóia a proliferação de sentidos pois se escreve a várias mãos, ao longo do tempo em que se escrevia, e sempre continuará....

Há também em Superman, sucessão de paradigmas, 6 paradigmas dos modos de gozo batizados com as substâncias: original, ouro, prata, cobre, estanho, fluido. Por exemplo, em 1997 o Superhomem teve seu DNA alterado. Em el 2001 Nicholas Cage se vestirá de efeitos especiais.

Como diz Benjamin, os objetos auráticos, sempre nos oferecem uma satisfação incompleta e só nos resultam apreensíveis por meio do shock, do mau encontro. Objetos que nos falam resistindo a ser decifrados, como o corpo estranho, de fabulosa imprecisão, como disse Lacan respeito da libido.

Há cinco tipos diferentes de Kryptonita mas somente as primeiras três são tóxicas, desestabilizadoras: verde, vermelha, ouro, azul e branca. Como todos nós sabemos, somente a Kryptonita verde é letal para Superman. Começa induzindo-lhe lassidão e inércia, para finalmente dar-lhe a morte anunciada se não é retirada imediatamente da sua presença.

Dada nossa política do sintoma, não posso me privar de abundar na descrição dos signos dos que ele goza. Vejamos o que a kryptonita vermelha faz com o mais forte da época; ela infringe sintomas temporários bizarros e imprevisíveis, se registram por exemplo: a cisão de Um Superman em dois gêmeos, sua transformação em indefeso *infans* de fraldinha ou o mais kafia-no, Superman metamorfoseado em formiga gigante. **A Kryptonita dourada é menos rebuscada, simplesmente o priva para sempre dos seus super-poderes. Quando a cor não for especificada, é sempre da verde que se trata.**

Tramada pela erosão da linguagem, podemos ler nesta letra Kryptonita o enigma, o críptico, a cripta habitada que faz com que a morte lhe retorne desde o futuro. Kryptos —oculto, escondido— significa que o acesso à significação se apresenta não mediado pelo significante, imediato, só restando ao Superhomem gozar da letra, do saber real inscrito em algum lado: “*não confundam as palavras com as letras, já que não é senão de letras que se funda o necessário*”<sup>7</sup>

Lembremos ainda o respeito de Freud pelas pedras: “*Saxa loquuntur*” diz, pedras locuaces, sua Gradiva e seus objetos de coleção.

Palavra de *alíngua* de Superman, esta letra fixa um gozo singular e necessário que não cessa de se escrever, constituindo o mineral contingente surgido da explosão em trauma que não cessa de se repetir.

Obedecendo a uma lógica implacável, ele constrói a chamada “Fortaleza da solidão” onde alojar seu objeto. [Como todo bom americano Superman é um indivíduo respeitoso do seu muro]. Vale a pena lembrar aqui a definição do falo como móvel do corpo. Nesse verdadeiro templo do Um, ele se encerra com seu bem em primeiro grau para gozar do deciframento, desenterrar o passado que o convoca, permanecer cativo do seu fantasma. O número atômico, 36, o peso 83.30, 3d10 4s24p6, as letras da valência se multiplicam e o Superhomem não sossega no cifrar e decifrar. A proximidade do que quer manter afastado é sua estratégia. Cito Lacan no *Encore*, “*Ela, a solidão, em ruptura com o saber, não somente pode se escrever, senão que além do mais é o que se escreve por excelência, pois é o que de uma ruptura do ser deixa pegada*”<sup>8</sup>.

Esta excelência pode ser encontrada na escrita do pakistaní Hanif Kureishi, no seu último e feroz romance, *Intimidade*, e em *Partículas elementares* de Michel Houellebecq, ambos toques do real por meio da letra que feminiza —ambos registram o nome de Lacan entre suas letras.

Por outro lado, que malabarismos refinados<sup>9</sup> Superman aciona para continuar a ser o amante cortês da Lois Lane, ela quem justamente o nomeia? Quanto mais ele se presta a que ela o confunda com Deus, menos ama, menos é, e obviamente, menos sai da sua fortaleza, único opção para os atos de amor, de *amuro*, do homem de aço.

Mais conhecida ainda é sua capacidade de esvaziar o amor do sentido sexual por meio do modelo de amor ao próximo que nos presenteia, SuperRoosevelt. Devo, com pesar, deixar os suculentos detalhes do mito para outra ocasião, nada foi dito de seu desdobramento em Clark Kent, homem estilo pequeno Hans como inventa Jacques Alain Miller em *Bom dia sabedoria*, nem do valor erótico das roupas, nem do gozo fálico de Lois, a jornalista, mulher do postigo.

Imagino que, inspirados pelo “mais forte que eu”, a maioria deve ter assistido “*Unbreakable*”, “Corpo fechado” título em português, último filme do indiano de moda, M. Night Shyamalan. Fazendo um aporte a série inaugurada por Freud ouvimos dizer da boca do duplo frágil do eu forte: “*Cada um tem a sua própria kryptonita*” como cada um tem seus ratos, seus lobos, até sua tosse, para fazer-se do nome que se carece. A letra precisa de uma superfície, um suporte, um *hypokeimenon*, onde se escrever. No princípio foi a pedra.

A letra como objeto material que inscreve seus efeitos sobre outro objeto material, funde o corpo de aço, faz função de fetiche, de metonímia e não de metáfora.

Na realidade do inconsciente, Lacan localiza a escritura do sintoma como repetição de uma letra de gozo. O suporte é uma substância que ele inventa, desbaratando o binarismo de Descartes, por outro lado, pai primordial da era do eu. O seminário XX sela o ocaso do dois que não da conta nem da diferença sexual, nem do *mind and body problem*.

## Substância gozante

Agora bem, “...o que é que há mais além de um mito que nos seja verdadeiramente acessível à experiência<sup>10</sup>?

Lacan o sabe e se surpreende com que mais ninguém queira saber nada disso: a substância gozante, que introduzida no seminário XX, precisa da nossa transgressão mais uma vez e ir até o seminário seguinte para logo significar. Não farei outra coisa agora que o que Lacan temia: tornar comestível Aristóteles<sup>11</sup>, apenas o preciso relevo que Lacan toma para construir sua substância gozante.

Lacan convida a lêr o escrito de Aristóteles tramado pela erosão da linguagem, e como diz o colega Andrea Schimmenti, o faz de maneira estritamente técnica; isto é, o lê em grego e não filtrado pela escolástica. Porque Lacan não lê Aristóteles a partir de Descartes e sua “*res*”, propõe situar a substância gozante no conceito de *Hypokeimenon* e não na *Ousia*, essência que podemos reservar para o modo de gozo. A substância é potencialidade, o modo porém, atualização. O *hypokeimenon* não existe em si e sim como suporte, como tensão/aspiração para conseguir determinada forma. Aristóteles elabora o conceito no livro I da Física para confrontar Parmênides e o movimento impossível. Uma *Ousia*, união de matéria e forma, só pode vir a ser outra coisa se um terceiro termo, traduzido como privação, (*stéresis*) atua sobre ela. O *hypokeimenon* toma forma a condição de privar-se de Outra forma. [*Sofro quando me deformam*, dizia a escrita feminina de Gombrowicz]. Os equívocos na tradução medieval podem paradoxalmente nos atrapalhar na clínica de hoje. O equívoco parte da coincidência que o mesmo Aristóteles produz na sua teoria das categorias onde *ousia* como substância primeira, e *hypokeimenon*, coincidem fazendo da essência o suporte, *subiectum* dos acidentes ou atributos. Aristóteles, que não retrocedia frente ao real, advertia que a *ousia* se diz de diferentes formas ao tempo que pressentia, diz Lacan, o nó borromeano.

Quando encontramos a letra como substância gozante que apela ao deciframento devemos levar em conta que é impossível que o Um seja só letra, sem sintoma, sem nome, sem inconsciente, sem marca no corpo. Esta é a passagem do nó de três da ciência ao nó de quatro da psicanálise. O dizer se escreve falhando<sup>12</sup>.

Ontologias monovalentes e lógicas bivalentes se revelam absolutamente incapazes de descrever híbridos ou bífidos como a mulher e a letra. De resto, sigamos a inspiração de Lacan: só falar das mulheres quando se tenha mais de 70 anos. Lacan imaginava a psicanálise como pulmão artificial no planeta irrespirável, pulmão, para fazer laço até com as pedras.

Marcela Antelo

Salvador, abril de 2001

XI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano “O mais forte que eu”

**NOTAS:**

1- LACAN, Jacques. *Le séminaire, Livre VII*, Paris: Seuil.

2- LACAN, Jacques. *El seminario XX*, Aón. Paidós: 1981 , pag.81

3- LACAN, Jacques. , Escritos: “*Función y campo de la palabra y el lenguaje en el inconciente*”, Buenos Aires: Siglo Veinte, ,pág 272

4- FREUD, Sigmund. Les premiers psychanalystes, *Minutes (II) de la Société Psy. de Vienne*, Paris: Gallimard, 1978.

5- BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. “On some motifs in Baudelaire”. New York: Schocken. Trans. Harry Zohn. [Benjamin escreveu que aura é a qualidade de um objeto que faz com que a relação com ele seja como a relação com um outro ser humano. Ele, o objeto, parece nos olhar, como a velha lata de sardinhas de Lacan].

6- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2, The Time-Image*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

7- LACAN, Jacques Sem. XXI *Les noms dupes errent*, inédito, “Es lo que me propongo este año: que ustedes no confundan las palabras con las letras, ya que no es sino de letras que se funda lo necesario, como lo imposible, en una articulación que es la de la lógica. Si mi manera de situar el modo es correcta, a saber, que lo que no deja de escribirse, lo necesario, es lo que necesita el encuentro de lo imposible, es decir, lo que no deja de no escribirse, lo que no puede abordarse sino por las letras(8/1/76)

8- LACAN, J Seminario XX: (p.145)

9- LACAN, J Seminario XX: “És una manera muy refinada de suplir la ausencia de relación sexual fingiendo ser nosotros los que la obstaculizamos” (p.85)

10- LACAN, Jacques Sem. XXI *Les noms dupes errent*, inédito, 21/1/76. “Se hy algo que se puede definir como um cuerpo, no es la vida...la definición misma de cuerpo es que sea una sustancia gozante, -cómo es que nunca nadie lo enunció? És la única cosa fuera de un mito verdaderamente accesible a la experiencia”

11- ARISTOTLE. Aristotle in 23 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1933, 1989.

12- ARAMBURU, Javier. Sobre Encore em *El deseo del analista*, Tres haches, Buenos Aires: 2000.